

## **FLAUTA DOCE EM PROJETO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO MÚSICA NO BAIRRO**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renate Lizana Weiland  
UNESPAR/EMBAP  
renate.weiland@gmail.com

**Resumo:** O Projeto Música no Bairro ocorre na região metropolitana de Curitiba, que apresenta baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Trata-se de um projeto de extensão da UNESPAR/EMBAP (Universidade do Estado do Paraná, Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná), vinculado ao Programa de Extensão Universitária Universidade Sem Fronteiras. A equipe deste projeto é composta por três graduandas do Curso de Licenciatura em Música, duas profissionais recém-formadas, duas professoras orientadoras da referida instituição e voluntárias(os). O público alvo são cerca de 100 crianças e adolescentes que participam de aulas de Flauta Doce e canto coral. O texto aborda questões metodológicas do ensino de flauta doce. Também discute desafios sobre a atuação dos professores de flauta doce neste contexto, enfatizando a necessidade da excelência do material didático utilizado e do preparo dos professores, bem como da qualidade das flautas doces, o que se reflete diretamente nos resultados obtidos.

**Palavras-chave:** projeto social, ensino de flauta doce, licenciatura em música

### **1. O projeto Música no Bairro: professores e alunos**

Trata-se de um projeto de extensão da UNESPAR/EMBAP (Universidade do Estado do Paraná, Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná), vinculado ao Programa de Extensão Universitária Universidade Sem Fronteiras, subsidiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI), dentro do Sub-Programa Apoio às Licenciaturas.

O município no qual o projeto ocorre está localizado na região metropolitana de Curitiba e apresenta o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0.728, e também apresenta índices alarmantes de uso de drogas e violência (conforme relato de órgãos públicos locais).

As crianças e adolescentes que participam do Projeto Música no Bairro provêm de situações de vulnerabilidade social, o que pode ser verificado no

cotidiano das aulas. Muitas vezes crianças chegam com roupas inadequadas para o frio que faz na região, outras vezes seu estado demonstra falta de cuidados, algumas vezes estão com dores abdominais ou dores de cabeça decorrentes da falta de alimentação.

Atuar nessa realidade tem sido um grande desafio para os professores de flauta e sabe-se que nestes cenários complexos a solução não poderá vir somente das aulas de música. Os problemas que se enfrentam desmistificam a ideia de uma visão salvacionista da música diante de realidades. (WEILAND, 2010, p. 73). Autores como Oliveira (2003), Müller (2004 e 2005) têm escrito sobre a necessidade de rever a formação dos graduandos nas universidades preparando-os para atuação nestes cenários.

## **2. As aulas de Flauta doce**

As aulas são realizadas em grupos pequenos, de no máximo 12 alunos. Assim o ensino coletivo ajuda a desenvolver muitos aspectos musicais e extra-musicais, como aprender com as dificuldades e erros do colega; o autocontrole para aguardar e ouvir o colega tocar; o som produzido pelo grupo e a variação de momentos solistas, enfim, a aprendizagem coletiva traz inúmeras vantagens ao aprendizado musical neste caso.

Os alunos aprendem a tocar o instrumento desde as primeiras aulas com a técnica devida- postura corporal, articulação, etc, e são alfabetizadas musicalmente, isto é, aprendem a leitura e escrita musical por meio de partituras. Por vezes também tocam por imitação, mas isso ocorre para buscar fluência musical sem se prender a leitura. Enfatizamos que fazemos questão de ensinar a notação tradicional, bem como a notação contemporânea, para que os alunos efetivamente saibam ler partituras. Também se busca aprimorar a percepção rítmica e melódica com exercícios específicos. Utiliza-se muito a apreciação musical, desde grupos que visitam o projeto ou alunos mais adiantados que se apresentam, com também através de gravações e vídeos especialmente selecionados. Como cantam no coro e utilizam a Manossolfa para tal, isso é aproveitado nas aulas de flauta também. Nas aulas os professores procuram variar

bastante as atividades, para torná-las bem dinâmicas e participativas aos alunos. É interessante perceber o quanto eles gostam de tocar o instrumento.

O repertório é especialmente programado pelos professores para estes alunos. O material didático é desenvolvido de forma a contemplar as dificuldades de forma bem gradativa e tornar o ensino atraente através de motivações variadas. Os alunos mais adiantados já tocam as flautas contralto, tenor e baixo.

As crianças são incentivadas a estudarem a flauta doce em casa, para tal, recebem uma flauta de qualidade, bem como um material didático e é enfatizado o cuidado e a responsabilidade que devem ter com esse material. Em relação aos instrumentos musicais, um aspecto importantíssimo a ser abordado é a qualidade dos mesmos. As crianças e adolescentes recebem a flauta doce soprano, de afinação e digitação barroca, como instrumento pessoal. Como estamos em um simpósio de flauta doce, queremos defender veemente a utilização de flautas de qualidade reconhecida em projetos sociais, e não de 'brinquedinhos' musicais. As crianças em situação de vulnerabilidade na grande maioria das vezes já passaram por experiências de material educacional de má qualidade, o que pode inclusive ter deixado lacunas em sua formação. Assim não abrimos mão de material musical de excelência - tanto as flautas quanto o restante do material para estudo musical.

Uma das dificuldades recorrentes é o esquecimento do material em casa pelos alunos ou ainda a falta de ensaios e apresentações, muitas vezes, agravado por total descompromisso das famílias das crianças. Assim, procura-se enfatizar muito a questão da responsabilidade e do compromisso de cada aluno, respondendo pelo cuidado do seu material e por suas ações de acordo com toda a dedicação que lhes é oferecida.

### **3. Os professores de Flauta Doce**

Todos os profissionais atuantes no projeto Música no Bairro tem formação acadêmica, sendo que ou concluíram ou estão cursando o curso de Licenciatura em Música ou outro curso superior na área de música. Este aspecto é importante para que haja profissionais com reconhecida competência, pois em muitos projetos sociais, se percebe que pessoas que não estudaram Flauta Doce se propõem a dar aulas deste instrumento - e assim sem conhecimento adequado ensinam de forma

totalmente inadequada. Isso traz consequências desastrosas para os participantes, que depois gastarão horas para corrigirem erros de técnica ensinados por profissionais não capacitados. Frisa-se então, que os professores de flauta doce precisam ter formação no instrumento para atuarem no projeto. Neste caso, vários professores ainda tem conhecimento de teclado, violão, violino e instrumentos de percussão, o que é bastante motivador para os alunos.

São realizadas duas reuniões semanais entre os professores e coordenação do projeto, nas quais discute-se como confrontar e integrar o conhecimento científico, produzido na universidade, com a realidade encontrada, e nestas reuniões são abordados os problemas que surgem no cotidiano do projeto.

Os professores tem se dedicado com muito afinco, participando de muitas atividades extras em apresentações nos finais de semana, com muito empenho podendo-se dizer que se dedicam de forma apaixonada pelo trabalho. E como já descrito por Weiland (2010), percebe-se nos professores um deslumbramento com o resultado do trabalho:

Este “deslumbramento” com a música por parte dos profissionais que atuam em projetos comunitários está ligado intimamente aos aspectos intrínsecos do “fazer musical”. Manifesta-se na forma como o profissional valoriza, se importa e considera como experiência máxima o acontecimento musical, a experiência estética, e neste caso o “fazer música” com os participantes do projeto. Para Swanwick esta forte valorização de significado pessoal, que ele chama de passagem pelo terceiro nível metafórico (2003, p. 36, p.56) ocorre com frequência suficiente para motivar pessoas no mundo inteiro buscarem experiências musicais e inclusive assegura a comercialização da música em todos os mercados do mundo. Este “deslumbramento” é que dá sentido e justifica todo o trabalho, a dedicação, por vezes o sofrimento físico enfrentado pelos músicos para terem estes momentos (WEILAND, 2010, p.71).

No entanto, este deslumbramento não deveria afastar a preocupação com os outros aspectos que envolvem trabalhos na área social, como já abordado antes, desmistificando uma visão salvacionista através da música.

Assim como na pesquisa de Weiland, os professores também revelam “uma forte convicção com trabalhos comunitários, querem continuar atuando nestes espaços, e relatam ainda uma identificação com o público alvo destes projetos”. Mesmo assim, enfrentam o grave problema que é “a falta de continuidade dos

projetos, isto é, o projeto tem de ser renovado em prazos estabelecidos pelas mantenedoras.” (WEILAND, 2010, p.66.)

Isso desemboca na falta de estabilidade profissional vivenciada por esses professores, (Weiland, 2010, p. 66), pois ficam dependendo de editais e da renovação destes. Uma das possíveis razões por estarem mesmo assim participando deste trabalho, é que além da forte convicção pessoal, atualmente no Brasil os projetos sociais, patrocinados tanto por entidades públicas como privadas, são um campo de trabalho emergente para profissionais desta área, como mencionam Müller (2004), Kater (2004), Kleber (2006), Requião (2008).

#### **4. Contribuições do uso da música em projetos sociais**

A utilização da Flauta Doce em projetos sociais tem sido descrita como uma experiência de sucesso por diversos autores (CALLEGARI, 2006; PEDRINI, 2008; SILVA, 2009) e a utilização do ensino musical pode desempenhar uma influência positiva na vida das crianças, como atestado no projeto Música no Bairro.

Bastian (2009), após uma pesquisa de 6 anos na Alemanha, defende que a prática musical é uma aliada na formação da personalidade das crianças, e que a prática da música é uma oportunidade social para uma apropriada e efetiva prevenção e intervenção contra o potencial agressivo. Desse modo, a música pode ser um instrumento na construção do que o autor chama de “competência social”, que inclui aprender a respeitar e valorizar o outro, mas também desenvolver uma visão própria e diferenciada e manifestar um comportamento adequado em confrontos de opiniões discordantes. Ainda segundo Bastian, a música pode ser utilizada como profilaxia da violência e agressão entre crianças e jovens – sua pesquisa revela que o vandalismo escolar diminuiu e crianças individualistas e problemáticas melhoraram seu comportamento social (BASTIAN, 2009).

Temos verificado no dia-a-dia que as aulas de música (flauta doce e canto coral) têm mostrado resultados positivos na vida destas crianças e adolescentes. O compromisso dos bolsistas e profissionais, estando presentes com 30 aulas semanais no bairro, no qual as crianças são recebidas com atenção, com respeito, com carinho, é um primeiro passo para que percebam outra realidade, diferente da

situação de violência e escassez que encontram cotidianamente. Os professores oferecem o respeito e o afeto, e mas sem deixar de lado a firmeza, a clara colocação de limites, visto que a própria natureza do estudo musical exige um compromisso e dedicação destas crianças, favorecendo a autodisciplina, o respeito com colegas e professores, o desenvolvimento da concentração e do trabalho em grupo.

As apresentações das quais participam, talvez sejam oportunidades únicas de se sentirem orgulhosas, merecidamente, pelo seu esforço, seu estudo, e desenvolverem uma estabilidade emocional, diante de plateias grandes, como já ocorreu em diversas apresentações como na EMBAP, no Canal da Musica, etc ...

Tudo isso tem contribuído para o desenvolvimento musical, estético, sociocultural, e cognitivo das crianças e adolescentes. Acontecimentos como ouvir uma música de Chico Buarque, em total concentração, com uma classe de oito crianças, em silêncio e de olhos fechados, e quando esta música acaba, duas delas estão com os olhos repletos de lágrimas, sem palavras para exprimir a emoção provocada pela música, são algumas das experiências que temos vivenciado e que nos animam a buscar a continuidade.

Ouvir da diretora da escola do bairro, que as crianças aos poucos mudam seu comportamento, apontam pequenos sinais de que estamos no caminho certo, mesmo que não seja nada fácil.

Temos alunos oriundos deste projeto que se submeteram a testes de seleção em uma escola especializada de música, e que conquistaram essas vagas concorrendo com outros alunos inscritos nos testes seletivos. Alguns conseguiram passar e atualmente estudam cursos de extensão.

Ainda queremos destacar a importância das parcerias entre instituições – nesse caso tendo como protagonistas a UNESPAR/EMBAP, como projeto de extensão; a SETI, por meio do edital do Programa Universidade Sem Fronteiras; a escola do bairro e a participação ativa da diretora e de algumas professoras da mesma<sup>1</sup>; a associação local AECRI (Associação Evangélica Cristo Redentor), que mantém uma equipe de profissionais voluntários (contribuindo na alimentação, inclusive dos professores, na limpeza do local, com toda infraestrutura que consegue, etc); a prefeitura do município, que reconhece e valoriza imensamente

---

<sup>1</sup> Em especial queremos agradecer e mencionar o incentivo constante da Prof Nadir e da Diretora Ivete, da Escola Municipal Mirta Naves Prosdócimo.

este projeto, e tem ajudado inúmeras vezes na condução das crianças para apresentações. Sem essas contribuições os resultados alcançados não seriam possíveis.

## **5. Coragem para continuar**

Por mais planejamentos que se façam, reuniões pedagógicas e avaliações, há que se ter uma disposição para a flexibilidade ao atuar em projetos sociais. O inesperado parece sempre estar presente – o cotidiano das crianças que vivem nas periferias é permeado de situações drásticas, a violência cada vez mais presente, o tráfico, o desemprego, a doença, a fome... e isto claramente é refletido no dia-a-dia das aulas de música. As mães, muitas vezes impotentes diante de situações complexas, apresentam comportamentos de desinteresse, adoecimento, desespero...

A cada dia, sendo alguns muito difíceis vivenciados na comunidade do Bonfim em Almirante Tamandaré, aprendemos um pouco mais, a estar imbuídos de humildade e de um profundo respeito para lidar com pessoas que estão a margem da sociedade ( Müller, 2004), que possuem uma outra visão de mundo, com uma lógica à qual não estamos habituados e que muitas vezes não compreendemos ... Buscamos entender a situação de exclusão e isso não somente pelo lado da precariedade, da falta, mas também para aprender com as pessoas nestas situações de vulnerabilidade as habilidades adquiridas para o enfrentamento e a sobrevivência nestas condições. E é uma comunidade permeada de solidariedade, de acolhimento e de esperança... esperança também de que não se silenciem os sons de alegria que o Projeto Música no Bairro tem feito acontecer.

## REFERÊNCIAS

BASTIAN, Hans Günther. *“Música na Escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança”*. Tradução de Paulo F. Valério. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CALLEGARI, Paula A. Oficina de Flauta Doce: uma alternativa para o ensino de música. In: XV ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17 a 20 de outubro de 2006, João Pessoa. Produção científica, formação profissional, políticas públicas e impactos na sociedade. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2006, p. 581-587.

Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/anais.html>>. Acesso em 17 de novembro de 2012.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da Abem*, nº10, p. 43-52, março 2004.

KLEBER, Magali O. Educação musical: novas ou outras abordagens – novos ou outros protagonistas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, nº 14, p. 91-98, março 2006.

MÜLLER, Vania. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da ABEM*, nº10, p. 53-58, março 2004.

MÜLLER, Vania. Por uma educação musical implicada com os modos de vida de seus cenários de atuação. *Revista da Abem*, Porto Alegre, nº12, p. 43-48, março 2005.

OLIVEIRA, Alda de. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. *Revista da Abem*, Porto Alegre, nº8, p.93-98, março de 2003.

REQUIÃO, Luciana. P. de S. As ONGs e a educação musical: compromisso social? In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, 8 a 11 de outubro, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ABEM, UNESP, 2008, sem paginação. 1 CD-ROM

PEDRINI, Juliana Rigon. Orquestra de flautas doces do Colégio de Aplicação da UFRGS. Comunicação apresentada no XVII ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, 8 a 11 de outubro, 2008. São Paulo: ABEM, UNESP, 2008, sem paginação. 1 CD-ROM

SILVA, Bruno Jardim Catharino da. Iniciação Musical Infante-juvenil com Flauta Doce em Conjunto. Dois estudos de caso: “Flautistas da Pró-Arte” e “Projeto Bem-Me-Quer Paquetá”. Monografia (Licenciatura em Educação Artística, Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

WEILAND, Renate Lizana. *Relações entre projetos comunitários e música na perspectiva de profissionais da área musical em Curitiba*. Algumas contribuições da



psicologia social comunitária e da educação. 112 f. Tese (Doutorado em Educação)  
– Curso de Pós-Graduação em Educação Setor de Educação, Universidade Federal  
do Paraná, Curitiba, 2010.